

Antônio Carlos Gomes, Diogo Antônio Feijó, Hércules Florence, Francisco Glicério, Campos Salles, Saturnino de Brito, Anhaia Melo, Alberto Santos Dumont, Rui Barbosa, Guilherme de Almeida, Lelio Colluccini, Rodolfo Bernardelli, Prestes Maia, Renato Rigetto, Fábio Penteadó, Mário Gruber, Lina Bo Bardi, Roberto Burle Marx, Oscar Niemeyer.

A mescla das obras desses personagens de estilos distintos, de linguagens às vezes contraditórias, resultou em um rico patrimônio histórico e cultural, como poucos no cenário nacional. O espaço onde se concentra a maior parte desse patrimônio singular é o Centro histórico de Campinas, demarcado pelo quadrilátero formado pelas Avenidas Anchieta e Rua Irmã Serafina, Avenida Moraes Salles, Avenida Senador Saraiva e Avenida Orosímio Maria.

O que tem acontecido com Campinas, entretanto, é exatamente o oposto. Os sinais de degradação do patrimônio histórico estão, como uma fratura exposta, incomodando e dilacerando o tecido urbano por toda a parte. O patrimônio ferroviário foi sucateado e alguns de seus componentes transformados em ruínas, o patrimônio educacional – representado por instituições como o Colégio Culto à Ciência e o Colégio Carlos Gomes – ameaçado pela deterioração do ensino público, os prédios históricos e monumentos da região central estão cobertos de pichação ou de letreiros, fiação e painéis que desfiguram o seu formato original.

Outros exemplos poderiam ser citados de degradação, mas também é preciso notar que até projetos de recuperação e/ou utilização do patrimônio histórico e ambiental, assinados por nomes fundamentais da arquitetura e do urbanismo brasileiro, têm sido solenemente ignorados, geralmente por

O projeto paisagístico de Roberto Burle Marx para o Parque Ecológico Monsenhor Salim foi duramente golpeado, e apenas agora começa a ser recuperado. O mesmo Burle Marx havia sugerido um projeto revolucionário para a urbanização da Pedreira do Chapadão, mas a idéia foi recusada pela Prefeitura na época. Do mesmo modo, um projeto de Lina Bo Bardi, para a recuperação da Estação Guanabara, ainda não saiu do papel. E agora a cidade tem pela frente o dilema de aceitar ou não o projeto de ninguém menos que Oscar Niemeyer, para a construção de um teatro de ópera moderno no centro histórico da cidade.

A presença de Toninho na Prefeitura representava a esperança de que finalmente o poder público municipal estaria voltado concretamente para a recuperação do patrimônio histórico e ambiental de Campinas. Com a sua morte, a 10 de setembro de 2001, o rico debate que se prenunciava foi esvaziado, até ser retomado recentemente com algumas iniciativas do governo de sua sucessora, Izalene Tiene.

O caderno também reúne a opinião de vários especialistas, e ainda as propostas do poder público, sobre como garantir que o maravilhoso patrimônio cultural, artístico, arquitetônico e ambiental de Campinas não continue se perdendo. Pelo contrário que esse patrimônio sirva de ponto de partida para a recuperação da auto-estima da cidade, para a reconstrução de sua identidade e para um projeto estratégico de desenvolvimento orientado para a justiça social e para a conquista definitiva da cidadania.